O MITO: NOTAS PARA UMA INVESTIGAÇÃO

João Ribeiro Júnior
(Professor do IAC da PUCCAMP)

A preocupação básica desta reflexão é entender o Mito como realidade autônoma. Assim, objetivou-se interpretá-lo a partir da sua estrutura e da sua finalidade. Por outro lado, como o Mito está relacionado ao chamado Tempo Sagrado, analisou-se a problemática, a fim de melhor conhecer o conteúdo do Mito para avaliá-lo e/ou criticá-lo.

A interpretação do mito

O Mito, brotando da projeção imaginativa que o homem faz das máximas funções da vida, como nascimento, amor e morte, rege-se pelas regras próprias do símbolo.

Embora a representação simbólica seja tirada da experiência, ela não se reduz aos dados sensíveis.

A narrativa mítica é composta de elementos tirados deste mundo (homem, água, fogo, ar, terra, etc.), mas não pretende ser histórica. Sua realidade é outra.

O Mito pretende mostrar ao homem uma realidade que ultrapassa a experiência e a compreensão. A realidade que enfrenta o homem mítico é uma totalidade significativa, determinada basicamente em função de uma orientação de valor.

As contradições nas narrativas não diminuem o valor do mito; a contradição se opera ao nível da expressão, mas sua intencionalidade é para além da nossa compreensão.

O Mito, pois, como símbolo, exige uma interpretação, uma hermenêutica, para se atingir o seu conteúdo, para que se desça até a dinâmica do destino, que estrutura a História.

Contudo, antes de interpretar, avaliar ou criticar o Mito é preciso conhecê-lo profundamente. É preciso reaver toda a força de sua palavra, pois quem diz Mito, diz o Destino, que se liga historicamente à existência.

Devemos aceitar o Mito como uma realidade autônoma, válida em seu gênero, procurando penetrá-lo sem preconceitos; mas simplesmente descrevê-lo e, descrevendo-o, penetrar em sua intencionalidade.

É preciso estudar as narrativas míticas, o discurso mítico e as suas expressões orais. Mas, a literatura mítica não nos basta. Tais narrativas não são coleções de dados empíricos, objetivos e indiferentes; são frutos de culturas e civilizações às vezes as mais diversificadas.

Representam então determinados comportamentos humanos e sociais, e tem sentido somente no contexto humano-social que as produzem.

Isto porque o Mito nos obriga a voltar ao homem que os fabrica, ao seu comportamento, a sua experiência, ao seu mundo.

Para a consciência mítica, as coisas são na medida em que valem; ela apreende o seu universo circundante não como um dado neutro, passível de ser objetivamente estudado e medido, mas como algo valioso, cuja existência está vinculado, antes de tudo, à sua validade. Isto é, não há, no plano do Mito, uma realidade independente dos valores.

O Mito reflete, pois, uma intencionalidade própria com a qual ele fica inteligível.

Destacando a intencionalidade, que sustenta o pensamento mítico, analisando as diversas maneiras com as quais ela se exprime, percebe-se que o Mito é uma estrutura de experiência, e que esta estrutura é inteligível; ela une de maneira coerente elementos à primeira vista heterogêneos; além disso, o Mito é integrado num conjunto mais vasto, e, assim, ele mesmo recebe um sentido novo.

Mas, como interpretar o Mito ?

Georges Gusdorf, em seu livro **Mito e Metafísica**, afirma que o erro fundamental da interpretação tradicional foi o de considerar o Mito como uma espécie de lenda ou narrativa de acontecimentos fabulosos de estrutura doutrinal muito rudimentar.

Podemos interpretar o Mito partindo da sua estrutura e da sua finalidade, conforme ensina Mircea Eliade (**Mito e Realidade**):

1) O Mito constitui a história dos atos de Entes Sobrenaturais;

2) Esta história é considerada como absolutamente verdadeira, porque de que modo algo foi produzido e começou a ser. O Mito fala apenas do que **realmente** ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos Mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos

sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos primórdios. Os Mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a sobrenaturalidade) de suas obras.

"Em suma, os Mitos descrevem as diversas, e algumas vezes, dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural no Mundo). É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural."

O tempo sagrado e o tempo profano

Na definição acima encontramos o primeiro elemento constitutivo da ontologia arcaica: a distinção entre o **Tempo Sagrado** e o **Tempo Profano**, histórico.

O Mito está relacionado ao **Tempo Sagrado**; narra aquilo que aconteceu no Grande Tempo dos Entes Sobrenaturais, o único e verdadeiro tempo.

O Mito é uma história sagrada que conta verdades absolutas. Conta o que aconteceu antes do Tempo Profano do nosso mundo. É, portanto, uma **revelação** do Grande Tempo das Origens.

"Mas contar uma história sagrada vale dizer revelar um Mistério, pois as personagens do Mito não são seres humanos: são Deuses ou Heróis civilizadores, e por isso as **gestas** constituem **mistérios**. Os homens não podiam conhecer os Deuses e/ou Heróis se eles não tivessem sido **revelados**. O Mito é então a história daquilo que passou **in illo tempore**, a narração daquilo que Deuses e os Seres Divinos fizeram no início do Tempo. **Dizer** um Mito, é proclamar aquilo que aconteceu **ab origine**. Uma vez **dito**, isso é revelado, o Mito se torna verdade apodítica, fundamenta a verdade absoluta" (M. Eliade, **O Sagrado e o Profano**, p. 107).

Esta revelação dos **acta et gesta** dos Deuses contém a chave para compreender o **Tempo Profano**. Os acontecimentos míticos primordiais fundamentam o nosso mundo, as espécies vitais, a sexualidade humana, a morte, os comportamentos e instituições humanas etc. Assim, o Mito é verdadeiro e eficaz: o **Mundo Profano** aí está como prova. Por isso que o homem primitivo distinguia entre "histórias verdadeiras" que são os Mitos, e "histórias falsas", que são contos ou lendas de conteúdo profano.

Luís Cencillo, em sua obra **Mito, Semantica y Realidad**, pp. 54 – 56, critica a análise estruturalista de Lévi-Strauss por não valorizar bastante a distinção entre Mitos **originários** (mitos "significativos" e "participativos", conforme a divisão de Cencillo) e mitos **etiológicos**, que explicam algum aspecto cósmico.

Claude Lévi-Strauss se baseia em Mitos quase exclusivamente **etiológicos**. Em seu estudo **Les Mythologiques**, em quatro volumes: **Le cru**

et le cuit (1964), **Du miel aux cendres** (1967), **L'origines des manières de table** (1968), **L'homme nu** (1971), Lévi-Strauss se dedica ao estudo de aspectos culturais particulares e domésticos, pretendendo assim permanecer fiel às bases estruturais do Mito.

Contudo, na realidade, estes Mitos **etiológicos** são **derivados** e **não originários**, e assim carentes de toda verdade, mesmo mítica.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAILLOIS, Roger, **O Mito e o Homem**, Ed. 70, 1980.

CARNEIRO LEÃO, E., "A Hermenêutica do Mito" em **Revista Brasileira de Filosofia**, (18) 72 : 391 – 405, outubro-novembro-dezembro/1968.

CENCILLO, Luís, **Mito, Semantica y Realidad**, Madrid, BAC, 1970.

ELIADE, Mircea, **Mito e Realidade**, SP. Perspectiva, 1972.

_____ **O Sagrado e o Profano**, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, s/d.

_____ **Mythes, Rêves et Mystères**, Paris, Gallimard, 1957.

_____ **O Mito do Eterno Retorno**, Lisboa, Ed. 70, 1978.

RIBEIRO JÚNIOR, João, "O Mito como Forma de Pensamento" em **Comunicarte**, 2 : 70 – 77, junho/1983.o/1983.